



TERRITÓRIOS URBANOS E IDENTIDADE: SUAS FORMAS DE ESPACIALIDADES E DIFERENCIAÇÕES

Ailson Barbosa de Oliveira¹

RESUMO

O presente trabalho visa refletir sobre território e identidade e suas formas de espacialidade, tomando como referencial de análise o espaço urbana de Dourados-MS. Pensar sobre identidade, a partir do recorte territorial, pressupõe considerar o sentido de pertencimento, institucionalizado ou não. Considerando essa perspectiva, tomamos como objeto de estudo os Venezuelanos que vivem na cidade de Dourados-MS, buscando avaliar, histórias de vida, suas rotinas, possíveis resistências, ou, num sentido mais amplo, o seu sentido de pertencimento. A metodologia adotada neste estudo é a pesquisa de campo, visando maior aproximação como a população venezuelana; entrevistas, com sujeitos que diretamente trabalham com essa população, como professores, funcionários do setor de comércio, de imigração e saúde. Por meio do levantamento realizado, dos depoimentos e enunciados, buscamos analisar o conjunto de elementos, signos e referenciais, a partir das relações de resistência ou de manutenção cultural que estabelecem com o lugar e como o lugar influencia no seu modo de socialização de espacialização, na conclusão procurar um diálogo para pode entender a hibridização cultural que estão sofrendo e quais os elementos culturais e sociais que procuram manter e como é a representação social em um lugar que não é o seu de origem.

Palavras-chave: Lugar, Território, Cultura, Identidade.

ABSTRACT

This work aims to reflect on territory and identity and their forms of spatiality, taking the urban space of Dourados-MS as a reference for analysis. Thinking about identity, based on the territorial cut, presupposes considering the sense of belonging, institutionalized or not. Considering this perspective, we take as an object of study the Venezuelans who live in the city of Dourados-MS, seeking to evaluate life stories, their routines, possible resistances, or, in a broader sense, their sense of belonging. The methodology adopted in this study is field research, aiming to get closer to the Venezuelan population; interviews, with subjects who work directly with this population, such as teachers, employees in the trade, immigration and health sectors. Through the survey carried out, the testimonies and statements, we sought to analyze the set of elements, signs and references, from the relations of resistance or cultural maintenance that they establish with the place and how the place influences their mode of spatial socialization, in conclusion, seek a dialogue to understand the cultural hybridization that they are suffering and what cultural and social elements they seek to maintain and how is the social representation in a place that is not their origin.

Keywords: Place, Territory, Culture, Identity.

¹ Doutorando em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, alibarol@yahoo.com.br.



INTRODUÇÃO

O presente texto visa lançar bases para a discussão dos territórios urbanos – discutidos na perspectiva simbólica (não desconsiderando a material) de elaboração identitária – estabelecidos pelos venezuelanos no espaço urbano de Dourados-MS. Tomando como conceito principal, a fronteira, o território, e o recorte da totalidade sócio-espacial, a estrutura social, fatores étnicos, econômicos, religiosos culturais, e o espaço urbano.

Tomaremos, aqui, o território, na mesma perspectiva elaborada por Souza (2013), como relações sociais de poder projetadas no espaço. Como nosso recorte é o espaço urbano, ou seja, um produto de relações da sociedade – composta de variados grupos sociais e segmentos de classe – a partir da natureza no decorrer de uma série de gerações (CARLOS, 2007), logo percebemos/notamos que esse *produto* se configura/apresenta como *meio* onde se dão as relações de variados grupos sociais, *condição*² para elaboração/projeção de territórios urbanos.

Assim, poderíamos conceber variados territórios urbanos de acordo com os variados grupos sociais (e aí estamos considerando os culturais, econômicos, políticos...). A cidade, dimensão prático-sensível do espaço urbano, se apresenta, nessa perspectiva, com suas correspondentes territorialidades, configurando um mosaico espacial de uma complexidade inegável.

Desse modo, para não nos perdemos no emaranhado de territórios e territorialidades que se processam e se estabelecem/são projetados no espaço urbano, propomos a análise sociocultural dos venezuelanos que vivem no Brasil, mais especificamente em Dourados Mato Grosso do Sul.

Os venezuelanos que estão em Mato Grosso do Sul, em específico em Dourados, em estudos preliminares, estabelecem suas territorialidades de forma difusa e descentralizada, pois seus locais de moradia estão espalhados pelos bairros da cidade, tendo uma leve concentração no Parque das Nações, e a territorialidade é ativada, por meio de grupos de contatos de pessoas através da telefonia móvel. Outro fato percebido é que os venezuelanos mudam constantemente de locais, assim sua territorialidade passa a ser a cidade de Dourados.

² *Condição, meio e produto* da reprodução sócio-espacial do homem ao longo do tempo, constitui a tríade apresentada por Carlos para entender o espaço urbano. (CARLOS, 2007; 2011)



Podemos avançar, com base no exposto, no sentido de aproximarmos-nos à discussão de identidade. Pensar na questão de identidade a partir do recorte territorial leva-nos, primeiramente, a pensar o sentido de pertencimento a um determinado território, seja este institucionalizado ou não. Pertencer a um determinado ponto ou situação no território é fruto de relações sociais historicamente ali produzidas e sedimentadas, carregando de significados e afetos os objetos e fenômenos vivenciados e experimentados, ou simplesmente desejados.

A identidade se faz sobre um suporte material (produzido – no nosso caso o espaço urbano), onde determinado grupo (*apropriando-se* do mesmo) estabelece suas relações sócio espaciais, preenchendo de significado essa base material. Território e identidade constituem, nesse sentido, um par dialético. Claval esclarece:

A organização da vida segundo as normas e os valores afirmados por uma cultura e a execução de sistemas de relações institucionais que ela supõe não podem se fazer no vazio: eles se desenrolam no espaço e o pressupõem em todos os níveis. Ele lhes é necessário como suporte material e lhes fornece uma de suas bases simbólicas. A maior parte das estruturas conhecidas da vida coletiva se traduz através de formas de territorialidade. (1999, p. 23)

Neste sentido, fazer menção aos traços e elementos identitários dos venezuelanos e as porções do espaço urbano que constitui para essas relações.

METODOLOGIA

Para elaboração da pesquisa serão trabalhados, por meio, de entrevista os venezuelanos residentes em Dourados-MS, não na sua totalidade, mas sim uma amostragem de 20 famílias, estabelecendo um diálogo na tentativa de discutir a hibridização cultural, e “reconstruir” a identidade territorial e como suas memórias são ativadas e o que fazem para manter ativa.

A pesquisa deverá focar onde os venezuelanos moram, trabalham e se relacionam, elaborando um mapeamento desses locais na cidade, buscando apreender características comuns, quanto o estudo dos elementos que qualificam o sentido de identidade produzida em um lugar que não de sua origem.

É imprescindível também fazer uma pesquisa no banco de dados que contém informações estatísticas que ajudam no desenvolvimento de algumas características demográficas dos agentes em questão, no caso os venezuelanos as ONGs, a ONU, OIM



(Organização Internacional de Migração) e as Cáritas³ serviram de base para levantar dados e informações estatísticas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A referência empírica para pensarmos a questão proposta no nosso trabalho os venezuelanos suas espacialidades e seu modo de vida e os meios de organização temporal fundamentado na territorialidade e nos espaços urbanos e como começa a surgir formas estruturais espaço-temporal e a incorporação de estratégias na construção do discurso identitário a fim de legitimar o direito a territorialidade como forma de acesso de aceitação social e a religião são exemplos aglutinadores das territorialidades urbanas. Diante dessa situação contextual é percebida uma reconfiguração das formas sociais, ou seja, novas identidades começam a surgir no espaço urbano e com isso, um imaginário cultural é forjado e estrutura esse processo.

Apesar dessa reconfiguração aglutinadora da diversidade de situações e de experiências, esse processo configura uma organização de territorialização que vincula o território e a identidade criando novos paradigmas sociais. Assim podemos questionar os causadores desse processo e quais as razões de aglutinação, primeiramente seria investigado a configuração da criação da identidade venezuelana e como estaria ligada aos territórios e como seria a territorialidade, mediante ao fato do território urbano ser constituído por diversas outras identidades e que constantemente vivem em conflito, são simbióticas, mutáveis, estratificadas, e excludentes, e preconceituosas, conceituosas e pós-conceituosas; todos esses sufixos afixos acontecem ao mesmo tempo. Nesse sentido, poderíamos investigar o território como um caminho investigativo na tentativa de entender os processos sociais e as articulações locais, deste modo, buscaria entender o tempo espaços e as especificidades que compõem a hibridização.

Assim como Terry Eagleton (2011) afirmou; “nada é uma imagem apropriada dessa interação, uma vez que o narrador cria ativamente a corrente que o sustenta, manejando as ondas de modo que elas possam responder mantendo-o à tona” [...].

³ Cáritas Brasileira – organismo da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). É uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Sua atuação é junto aos excluídos em defesa da vida e na participação da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural. E em Dourados as Cáritas assistem os imigrantes, dentre eles os venezuelanos, com moradia, alimentação vestimentas e oportunidade e emprego.



Constrói-se, assim, suas linguagens, demandas, suas formas de manifestação e suas estratégias de resistência e de identidade, que é moldada e (re)transformada a todo momento. Essas contradições da nossa sociedade sinalizam as injustiças do nosso tempo e é a partir do conhecimento das múltiplas territorialidades presentes no espaço urbano que podemos assistir os aparatos do poder como sugere Michel Foucault (1995), se quisermos entender as formas de dominação do nosso tempo, temos que olhar para as diferentes formas de resistências. A forma como se resiste revela os meios pelos quais se subverte a resistência de dominação de uma determinada sociedade.

Compreender essa questão filosófica nos permite a resiliência nos tornando capazes de dar voz aos sujeitos que são oprimidos pelo processo de sufrágio capitalista e esse sentido de novas significâncias do descobrimento do diferente do não convencional; sensibilizou-nos a refletir em uma renovação de pensamento epistemológico de grosso do modo comparado a Ana Esther Ceceña (2008), sendo possível inverter novas metodologias que não ficássemos presos a velhos esquemas de interpretação e de categorias que não fossem capazes de tomar voz os sujeitos excluídos e suas experiências múltiplas de desterritorializações e reterritorializações e seguindo, como sugere Hall (2005, p.12.), esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Compreender as diversas formas da hibridização cultural que o novo apresenta vários sentidos, simbólicos, material, imaterial, significados, do saber, do ser, significantes, expressões, processos, instituições, afetos, formas, práticas, ações, escalas, gostos, sabores, odores, visões, modos, medos, sujeitos e dentre outros, afetam e reconfiguram as estruturas; sendo assim para podermos os compreender precisamos dialogar com a complexidade do novo. Por esse ângulo, é fundamental o diálogo da compreensão da emergência de novas abordagens sócio-espaciais. Deste modo, vale a pena um diálogo com as reflexões de Carlos.

Como fundamentação desse processo de transformação presenciamos a aceleração do tempo no mundo moderno, com mudanças muito rápidas que se revelam na morfologia da cidade, ao mesmo tempo em que na vida cotidiana, modificando-a. Como resultado surgem novos padrões e formas de adaptação decorrentes da imposição de um novo modo de apropriação do



espaço da cidade. Assim nos deparamos com formas cada vez mais mutantes em um tempo cada vez mais efêmero, produto de uma nova racionalidade imposta por profundas mudanças no processo de acumulação. Assim, uma nova relação espaço-tempo domina o mundo, onde a efemeridade do tempo no espaço revela a produção de um “espaço amnésico”. Essa relação entre “tempo efêmero” e “espaço amnésico” é fundamental para definir a pós-modernidade. (CARLOS, 2007, p.13).

E é importante ressaltar que a pós-modernidade é caracterizada por várias facetas e tomaremos algumas, pois não é nosso intuito fazer descrições metódicas e nem muitos menos generalizadoras sobre o que é pós-modernidade e o que não é, mas o que nos apresenta a essa questão é a breve caracterização e discussão sobre migração em um contexto político social neoliberal. Pensamos em um sentido ontológico sendo inerente ao tempo espaço humano e vivenciado em diferentes espaços-temporais, sendo relacionadas ao ato de migrar como elemento central da vivencia e a caracterização da identidade territorial, ou seja, tempo e espaço são concomitantes, simbióticos e mutáveis.

Com isso o migrante passa a construir múltiplas territorialidades, sendo um território produzido por processos articulados e/ou moldados pela desterritorialização e reterritorialização, em aproximação a HAESBASERT, 2004; mas seguindo, assim proporcionam um ir e vir territorial, cujas dimensões existenciais fazem parte e a problematização da construção da identidade constitui, construindo relações sociais e que fazem parte do mundo contemporâneo neoliberal.

Importante ressaltar que determinados processos sinalizam a vivencia social e também exclusão social como processos de ordem moldados por práticas e reproduzidas, como a título de exemplo a religiosidade, em aproximação com EAGLETON, 2011, p. 103, a religião combina a cultura no sentido de ação dirigida por princípios, ou seja, a nosso ver; como aglutinador social, deste modo, o migrante acaba que até mesmo inconscientemente aderindo tais práticas para uma aceitação social e deixando de lado ou criando conceitos pejorativos referentes à sua própria cultura. Assim o novo é uma complexidade generalizada e de diferentes formas e interpretações e não uma realidade aparente, mas sim cheia de contradições.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Procurou disutir dois aspectos, primeiro a questão dos diferentes territórios que compõem o espaço urbano e, segundo, questões geográficas relacionadas à territorialidade e a identidade de pertencimento ao local, os enfoques geográficos foram relacionados ao exercício de referenciais teóricos e bibliográficos e culturais no processo de produção espacial no sentido de dialogar com a identidade territorial e fazer uma comparação com o “novo território” que está se estabelecendo em Dourados devida a migração venezuelana.

Foi feita uma discussão como a territorialidade venezuelana está materializando-se na produção do espaço urbano de Dourados. Sempre fazendo um diálogo entre territorialidade/identidade e produção do espaço urbano/exclusão social.

E também como os sujeitos encaram os valores culturais, costumes, normas, mitos de ordem familiar, grupal, social, que as incluem no que fazem dentro de um contexto social que não é estático, pelo contrário, estão continuamente afetados por contradições, exclusão, preconceito, desemprego, rivalidade e tensões de seus membros.

Deste modo, o que se pretende aqui demonstrar é que essa questão de territorialidade, que não se restringe a mera descrição, precisa ser abordada também de uma forma interpretativa, transformando os sujeitos em participantes-ativos e não coadjuvantes-inativos, tendo por base aspectos culturais, sociais, econômicos e seus determinantes espaciais que constroem a identidade de pertencimento ao local.

Por outro lado, fazer um levantamento das diferentes posições que assumem os venezuelanos nos diferentes locais onde residem. Na tentativa de se fazer um mapeamento das diferentes leituras e interpretações sobre a questão da identidade territorial, somado a maneira com que se relacionam e produzem determinadas territorialidades a partir dos distintos referenciais culturais e como eles se relacionam.

A abordagem regional desses conflitos será pautada a partir de elementos políticos, culturais e teóricos, com intuito de “definir” a produção da identidade territorial, que ali estão estabelecidas, proporcionando assim um diálogo entre essas diversas culturas, afim de que se aprofunde o conhecimento das possíveis divergências que se sucedem. Portanto, averiguando o choque cultural, multiculturalismo e hibridismo em relação ao sentido de pertencimento com o lugar e a relação com o outro e se o outro é visto como igual e as suas diferenciações.



Acredita-se que é função da Geografia pensar o estabelecimento de relações que compõem um conjunto de elementos, através de uma interdependência de fenômenos ligando o sujeito humano e os seus objetos de interesse, em síntese determinando o território e as múltiplas relações, possibilitando que outros sujeitos sejam participantes e dando voz aos desenhos de suas necessidades, seus pensamentos e experiências individuais e coletivas, que até o momento estava no anonimato.

Deste modo, cabe acrescentar, entre outros, os temas centrais e os sistemas de informações de produção e reprodução social do espaço, consolidando a ideia de que nunca se deve separar o território da população, ou seja, o território só existe, pois o homem está nele e o está transformando, da sua organização social e das condições ambientais em que viveu ou em que vive. Cada grupo apresenta as suas particularidades, interage diferentemente com o contexto em que está inserido e, dessa forma, pode apresentar diversos problemas, diferentes necessidades e diversas relações sociais.

A geografia se mostra uma ciência muito rica e criativa, capaz de abordar o cotidiano, possibilitar o seu entendimento levando a uma atuação mais crítica e apontar erros e procurar soluções, através de interpretações de dados, não de caráter puramente descritivos e empíricos, apresentados de uma forma linear, como se fossem um produto. Assim é possível concluir que a geografia estuda o meio através de uma visão ampla, com propósitos determinados através de métodos; para perceber a realidade de um conjunto resultante de uma combinação de elementos componentes de um território, sendo esses elementos a mais perfeita expressão da concepção da ciência geográfica, pois pensar em geografia, na sua epistemologia; é pensar o espaço, através das suas múltiplas relações, que são representados pela identidade territorial, que na verdade é a essência, do pensar, ser e de pertencer.

A discussão geográfica será feita através da consciência de que para estudá-la primeiro tem que se compreendê-la como é o território de vivência dos venezuelanos não fazendo uma discussão teórica linear e de planejamento territorial; que desconsidera o lugar como local de vida e de possibilidade de fazer frente aos movimentos e interesses externos. Ao se pensar essa problemática será criado um diálogo da sociedade com a identidade territorial levando em conta o Estado e as consequências que produzem os processos econômicos da mundialização e da globalização que se opõem na reafirmação da identidade que afetam os territórios urbanos.



O presente trabalho é um estudo original, caracterizado, por uma descrição explicativa de fatos relativos à ocupação do território urbano de Dourados e a formação da identidade venezuelana, gestada em um sentido de pertencimento ao território e os significados que o mesmo tem para a vida e quais são os elementos culturais mais importantes levando em conta, os aspectos religiosos, sociais econômicos, étnicos, culinários e dentre outros.

Deste modo, é necessário que o estudo da identidade territorial negue a ideia de uma sociedade pronta, em que todas as transformações e problemas de conflito já estejam superados e resolvidos. Cabe à Geografia a análise dessas transformações e problemas, revelando as causas, seus efeitos, intensidade, heterogeneidade e o contexto espacial dos fenômenos que configuram cada sociedade; mostrando que esses fenômenos são produtos das relações que orientam o cotidiano das pessoas, definindo seu lugar e a sua interação com outros conjuntos espaciais e sociais.

Como base nessas concepções, essa pesquisa se justifica cientificamente por atender a estes enfoques da questão da identidade territorial e a necessidade de estabelecer e ampliar os diálogos na sociedade como um todo; a intenção é, portanto, agregar a essa discussão os conceitos geográficos para contribuir na elaboração de respostas pertinentes e socialmente mais justas, não no sentido de uma solução utópica, devido aos questionamentos acima ressaltados, porém a possibilidade de se abrir um leque para um novo entendimento das questões culturais, territoriais e sociais. Que futuramente poderá ser um instrumento, muito útil com o intuito, de se repensar essas questões, ou seja, a produção de novos sentidos territoriais para além do poder uniformizante do capital em si, mas na elaboração de identidades diversas nesses lugares.

Por outro lado, o encontro com a nova cultura como o deixar as suas referências culturais e familiares são fatores importantes a serem considerados no contexto migratório e as relações que o indivíduo estabelecem com a sociedade são fruto do seu processo de formação e de identificação o tornando ator social, trazendo contigo toda a simbologia da sua formação identitária e ao imigrar se vê forçado a hibridizar sua espacialidade e as simbologias sociais e costumes, pois suas histórias de vida passam a se confrontarem entre a cultura onde nasceu e que está atualmente vivendo. Ou seja, hábitos alimentares, religiosos são bons exemplos.



As estratégias culturais utilizadas pelos imigrantes são a hidridização cultural, ou seja, não abandonam a sua cultura originária e sim passam a incorporar novos hábitos culturais. Mas mesmo com o processo de assimilação cultural, o imigrante tem o sentimento de perda da identidade; podendo ocasionar problemas sócios estruturais de uma dimensão afetiva simbólica de identificação; como por exemplo, o sentido de descontentamento. Ao falar que na “Venezuela às coisas eram mais fácies antes da crise”; “lá não existia venezuelanos nas ruas pedindo esmola” ou quando falam “tenho vergonha de ser venezuelano” e “passar na frente do semáforo e ver aquela família pedindo esmola”; “estão lá pedindo esmola porque não querem trabalhar”, “não tem força de vontade”. Falas reproduzidas durante nosso trabalho de campo.

Uma breve reflexão, os venezuelanos se identificam como venezuelanos e não identifica a família venezuelana que estão na rua pedindo esmola como venezuelanos e sim como pessoas que envergonham os venezuelanos, como se eles por estarem na rua é porquê querem e não por que são fruto do sistema opressor capitalista, onde os sujeitos estão destinados ao fracasso em detrimento do sucesso de poucos.

Outra fala que aparece é o medo do “caça as bruxas”, falam que se a polícia vê aqueles venezuelanos pedindo esmola no semáforo; “vão expulsar” e daqui a pouco “vai achar que todos os venezuelanos são do mesmo jeito ai vão querer expulsar a gente também”. “Ver aqueles venezuelanos lá no semáforo me da vergonha”, “eles estão lá porque não querem trabalhar”, “não querem pegar no pesado”.

Esse relato trazido das entrevistas são reflexos do processo de hibridização cultural que o imigrante está passando, quando ele deixa de reconhecer os seus como iguais e passa a reconhecer o outro como igual, passando a se sentir pertencente à nova cultura e a reproduzir os mesmo estereótipos que a sociedade reproduz como na exemplificação apresentada acima de quem está no semáforo pedindo esmola é porque não quer trabalhar e que não tem força de vontade de vencer na vida.

E de acordo com Pereira, 2010, p.18. “Para se integrar, o imigrante faz ajustes e concessões, interage e constrói imagens de si e do outro, cria vínculos e acumula [sentidos] sobre as quais ancora a sua [...] identidade. Estas mudanças com a necessária adaptação ao novo resultam em alterações comportamentais, são mudanças nos mundos psíquico e cultural, que acabam por levar a um caldo de tradições, as que os imigrantes trazem, com aquilo que encontram na nova sociedade”.



E seguindo os estudos de Pereira (2010), os efeitos culturais geram um choque alterando as percepções que os indivíduos têm de si mesmos, das suas crenças, motivações e valores sociais que passam a serem confrontados constantemente, pela nova cultura, pelo desconhecido, pela nova língua, os estudos ainda seguem, se não for criado um mecanismo de proteção “amortecedor”, deste choque cultural, haverá uma ruptura interior motivada pelo choque cultural, sendo um dos possíveis causadores do desenvolvimento de patologias, principalmente se não tiverem uma rede de amigos ou familiares no novo país.

Mas o que podemos trazer é que o processo migratório é uma diáspora e traumático, causa sofrimento para os que partem em busca e melhores condições de vida e laborais e também para os que ficam, pois passam a sentir e a conviver com um novo sentimento que é a saudade, que até então esse sentimento não existia e passa a existir quando o migrante, parte levando contigo saudade da sua cotidianidade, dos seus amigos, familiares do seu território e também deixa saudade com os que ficam.

É comum que nos primeiros tempos de adaptação os membros familiares experimentem sentimentos de [saudade], saudosismo, vazio e desamparo, os quais poderão ser elaborados de forma e num tempo diferenciado mediante o processo individual de cada um. (BECKER, pág. 09).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No nosso último trabalho, que foi em um Lava Rápido; passamos a trabalhar e a conviver com imigrantes venezuelanos, com isso foi possível desenvolver esse trabalho, pois passamos a comungar das suas angustias, medos, receios, preconceitos, conceito e pós-conceitos. A vida de um imigrante é uma vida de diáspora, onde o medo faz parte do seu cotidiano, medo da segregação, medo de fracasso, medo da solidão, medo da saudade de não poder mais voltar à terra natal, medo do Brasil, medo do outro e medo de ter medo.

A diáspora venezuelana se soma também a dificuldades de conseguir emprego, alguns comerciantes não empregam venezuelanos, alegando que não são boas pessoas, que não entendem o que dizem, ou quando são contratados o serviço é exploratório análogo a escravidão. Outro fato abordado pelos comerciantes foi a notícia



compartilhada, por pessoas ligadas a segurança privada; emitiram uma nota em grupo de *WhatsApp*, possivelmente uma *Fake News*; para não contratar imigrantes, principalmente venezuelanos, pois estão envolvidos com tráfico de drogas e são membros de *Facção Criminosa*⁴, a situação não é fácil e ainda ter que lidar com esse tipo de notícia; fazendo com que a vida fique estressante e difícil de se manter fisicamente, emocionalmente e economicamente.

Enfim vários medos que passaram a compor a vida de um imigrante venezuelano e era comum depararmos com os venezuelanos que trabalhavam conosco e também com venezuelanos que vinham pedir trabalho, sempre predispostos a fazer qualquer serviço por uma diária de trabalho abaixo da sua qualificação profissional. Estarem cabisbaixos, tristonhos, com os olhos lacrimejados, ao falarem “aqui não é minha terra”, ou “tenho fome”, “preciso trabalhar”, “faço qualquer tipo de trabalho”, “tenho mulher e filhos na Venezuela passando fome”, “na Venezuela estão morrendo de fome”, “hoje não irei comer, olho para essa comida e lembro-me dos meus parentes que ficaram na Venezuela e não tem o que comer”. Relatos como esses, e muitos outros presenciamos, e muitas vezes o que nos restava a fazer era dar um abraço!

Neste trabalho levantou-se um conjunto de elementos, signos, significantes e referenciais de pertencimento, assim como a simbologia e as representações da cultura material e imaterial em Dourados.

Sob esse aspecto, o estudo procurou discutir o território, territorialidade e a cultura, identidade, espacialidade e diferenciações, de acordo com aquilo que faz com que eles se identifiquem, assim permitindo que se percebesse como se dá a construção e a reconstrução da identidade híbrida, sobretudo, em relação às atividades culturais. Com isso, foi possível estabelecer e, ao mesmo tempo, criar um diálogo na tentativa de se procurar entender e conhecer o “outro”, os seus devires, ires e vires.

Deste modo, buscou-se analisar com a “lente do outro”, ou seja, com o pensamento e o modo de interpretar, salientando os pontos convergentes e divergentes, e como leem a cidade, estabelecem suas relações sociais, suas formas de resistência e de reconstrução da identidade. Como vivenciam a condição de “estrangeiro”, no lugar em

⁴ Facção venezuelana cria células de tráfico em Dourados. Disponível em: <https://www.douradosagora.com.br/noticias/dourados/faccao-venezuelana-cria-cedulas-de-traffic-em-dourados>, ou <https://www.progresso.com.br/policia/faccao-alicia-refugiados-para-trafficarem-na-fronteira-de-ms/368416/>. Acessado em 24/09/2021.



que edificam suas resistências e existências cotidianas, e como estabelecem suas relações pessoais.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. **A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai.** São Paulo: Annablume, 2010.

ANDRADE, M. C **A questão do território no Brasil.** São Paulo – Recife: Hucitec, 1995.

BECKER, A. P. S., & MARTINS-BORGES. Dimensões psicossociais da migração no ciclo de vida familiar (no prelo). In: Ana Lídia Campos Brizola. (Org.). **XVII Encontro Nacional da ABRAPSO - Práticas Sociais, Políticas Públicas e Direitos Humanos** (no prelo). 2ed. Porto Alegre: ABRAPSO, 2014, p.1-11, 2014.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade.** São Paulo: Labur Edições, 2007.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo C. da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas.** 8ª edição. Campinas, SP: Bertrand Brasil, 2006, p. 77-116.

CECEÑA, A E, 2008. Sujeitando o objeto de estudo, ou da subversão epistemológica como emancipação. CECEÑA, A E. **Os desafios das emancipações em um contexto militarizado.** São Paulo: Expressão popular, 2008.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS: CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO (CGEE). **Populações e políticas sociais no Brasil: os desafios da transição demográfica e das migrações internacionais.** Brasília, 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. Uma nota sobre o urbano e a escala. **Revista Território.** Rio de Janeiro, Ano VII, n; 11, 12 e 13, 2003.

CLAVAL, Paul. O território na transição da pós-modernidade. **GEOgraphia.** Niterói, UFF, ano I, n. 2, 1999.

EAGLETON, T. **A Ideia de Cultura.** São Paulo: Editora UNESP, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Org., trad. e introdução de R. Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985. 295 p.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da**



hermenêutica. Trad. V. P. Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. 299 p.
Traduzido de Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneucts.

GOMES, Paulo C. da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo C. da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. 8ª edição. Campinas, SP: Bertrand Brasil, 2006, p.49 -76.

GUPTA, Akhil & FERGUSON, James. Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antonio A. **O Espaço da Diferença**. Campinas, SP: Papyrus, 2000, capítulo 2, p.30-49.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 1999, p. 169-190.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Regional-Global: dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 8ª edição. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2003.

HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagens e lugar, território e meio ambiente. **Rev. Território**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1997.

MASSEY, Doreen. Um Sentido Global do Lugar. In: ARANTES, Antonio A. **O Espaço da Diferença**. Campinas, SP: Papyrus, 2000, capítulo 8, p.176-185.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MORAES, A. C. R. **Contribuição para uma história crítica do pensamento geográfico: Alexandre Von Humbold, Kalr Ritter e Friedrich Ratzel**.1983, 508f. Dissertação (Mestrado em geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MOTA, S. **Urbanização e meio ambiente**. Rio de Janeiro. Abes, 1999

OLIVEIRA, A. U. **A Fronteira Amazônica Mato-Grossense: Grilagem, Corrupção e Violência**. São Paulo, Tese de Livre Docência - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1997.



OLIVEIRA, Ailson Barbosa de; CALIXTO, Maria José Martinelli da Silva. Território Urbano e Inclusão - Os paraguaios de Dourados. In: X Encontro Nacional da ANPEGE, 2013, Campinas. **Anais**. Campinas, 2013.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. A problemática dos “índios misturados” e os limites dos estudos americanistas: um encontro entre antropologia e história. In: SCOTT, Parry; ZAUR, George. **Identidade, fragmentação e diversidade na América Latina**. Recife, PE: Universitária da UFPE, 2003, p. 27-48.

PEREIRA, Maria Natália Azevedo. **A Depressão no processo migratório: Um estudo transcultural**. Psicologia. PT. O portal dos psicólogos. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/teses/textos/TE0006.pdf>. Acessado em 15/09/2021.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. O retorno do território, In: Santos, Milton et al. (Orgs). **Território: Globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994, p. 15-18.

_____. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996. 308 p.

SANTOS, M., SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo C. da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. 8ª edição. Campinas, SP: Bertrand Brasil, 2006, p. 77-116.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, M. A. A. **A identidade da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SPOSITO, E. S. **Cidade, urbanização, metropolização**. Presidente Prudente: FCT-Unesp. 1997.